

as atividades dos negros, o serviço de transportes que ao lado das observações feitas quanto ao "estilo" das casas e seus interiores, o teatro, as igrejas, os hotéis, o mercado etc. dão ao leitor uma idéia do que era a vida naquele importante centro comercial da região.

De Rio Grande passou o autor para Porto Alegre que considerou um verdadeiro paraíso e sobre a qual teceu também observações bem detalhadas. Tanto ali como em Rio Grande encontrou Mulhall vários engenheiros ingleses ligados às obras então em curso dos serviços de gás, água, dragagem, fundição e estradas de ferro.

A partir de Porto Alegre fez ele uma série de passeios, sendo que só após visitar as minas de carvão de São Jerônimo é que tomou o rumo de São Leopoldo onde "não fosse a vegetação tropical dos jardins, podia-se ter a sensação de estar numa agradável vila do norte da Europa", segundo suas palavras. Muitas das observações feitas por Mulhall são interessantes para o estudo dos costumes da época como quando procurou retratar, por exemplo, o cortejo nupcial após a cerimônia religiosa, ou quando dá ao leitor, nos mínimos detalhes, informes sobre os preparativos e a cerimônia da inauguração das obras da estrada de ferro que ligaria aquela cidade à de Porto Alegre.

Sobre as colônias alemãs em geral tece o autor uma série de considerações, pois tudo lhe chamava a atenção: igrejas, transporte de mercadorias por meio de carroças ou tropas de mulas, estalagens, moinhos de água, escolas, condições das estradas, plantações etc. que entremeados com a apresentação de figuras humanas com as quais teve a oportunidade de dialogar e de conhecer a história, dão não só vida ao cenário como emprestam uma certa leveza ao texto tornando-o acessível ao leitor em geral.

Num dos capítulos Mulhall traça o histórico e o desenvolvimento de diversas colônias alemãs, fornecendo dados sobre a situação das mesmas quando de sua estada naquela Província.

Depois volta a narrar sua viagem, então, para a cidade de Pelotas, onde na região de São Lourenço, segundo Herbert Caro, reencontrando os colonos de origem alemã como que complementa "o panorama da população germânica do Rio Grande do Sul".

Termina seu livro fornecendo alguns informes sobre as colônias alemãs em Santa Catarina, Rio de Janeiro, Maranhão e Bahia.

Isto posto, não há dúvida, Mulhall nos deixou um testemunho interessantíssimo. Estão portanto de parabéns os idealizadores desta publicação que tornando acessível esta importante contribuição à historiografia riograndense, ao mesmo tempo criam condições para que o desejo do autor, expresso no prefácio da edição inglesa, se cumpra integralmente: "se este pequeno livro tiver alguma utilidade, as recordações de umas belas férias passadas no meio das colônias alemãs tornar-se-ão ainda mais agradáveis". — **Arlinda Rocha Nogueira.**

NEUHAUS, Paulo, História Monetária do Brasil 1900-45. Rio de Janeiro, IBMEC, 1975, 198 pp.

A historiografia econômica brasileira acolhe inúmeras contribuições de história monetária em seu acervo. Porém, poucas as que não se limitam à compilação legislativa e à narrativa dos fatos notáveis, apresentadas como pálidas análises das políticas estabelecidas pelas nossas autoridades e entre elas coloca-se a obra em resenha.

Paulo Neuhaus, economista com intenso treinamento na Universidade de Chicago, traz em sua obra marcas comuns em vários economistas que recentemente dedicam seus estudos à História Econômica; fixam seus intervalos temporais para exame mais em função das necessidades estatísticas do que das peculiaridades históricas que formam um determinado período e utilizam conceitos abstratos desprovidos de referências de tempo e espaço e portanto não históricos para construir suas séries homogêneas.

O Autor divide seu livro, conforme o evolver cronológico, em quatro capítulos repletos de significados que os diferenciam econômica e em particular monetariamente, ainda que o ano inicial não tenha outra singularidade além de ser o último do século.

A deflação e o padrão-ouro do período pré-guerra, 1900-14, capítulo I, enfatiza a estabilidade econômica e o experimento da Caixa de Conversão. A seguir, em uma das partes melhores da obra, a tentativa de implantar um banco central e as repercussões brasileiras da doutrina do crédito legítimo, é discutido o período 1915/26. Indaga-se no terceiro a política da Caixa de Estabilização e no final, a era Vargas, onde o Autor apresenta pioneiramente explicações monetárias da crise de 1930 e seu superar. Reserva-se apêndices para definições, dados, fontes e interpretações. Deve-se, ainda, afirmar o cuidado do Autor em sempre evidenciar o papel desempenhado pelo Banco do Brasil quer como agente do Governo, quer como banco comercial, padrão do sistema bancário.

A metodologia empregada por Neuhaus identifica a escola norte-americana em que se doutorou. **A monetary history of the United States, 1867-1960** de Milton Friedman & Anna J. Schwartz, editado pela Princeton Univ. Press em 1963 serve tanto como inspiradora e modelo quanto fonte de referências e confronto de resultados.

As objeções colocadas às posturas científicas de Friedman, quer por economistas, mesmo os neo-clássicos como J. Tobin, quer por historiadores do porte de um Pierre Vilar, dimensionam o positivismo da Escola de Chicago.

Se a bibliografia de Neuhaus é limitada à produção da literatura econômica — não há falta de título de importância, publicando-as ausências de obras históricas, sociológicas e disciplinas correlatas, são parcialmente compensadas pelo uso intenso, preciso e fecundo de fontes primárias tais como: **Relatório Ministro da Fazenda, Wilemna's Brazilian Review, Relatórios do Banco do Brasil** etc.

Paulo Neuhaus através de sua **História Monetária do Brasil 1900-45** contribuiu de forma insofismável para o esclarecimento de importante parcela de nossa vida econômica passada: o mistificado processo monetário. — **Ibrahim João Elias.**

"..... buscar água no poço,
molhar a terra dessa nova vida,
arar de novo o campo"

e morer em paz — **Paulo Roberto de Azeredo**

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo — Preconceito de cor e a mulata brasileira — Editora Ática, São Paulo, 1975.

A despeito da corrente opinião de que os estudos sobre as relações raciais no Brasil estão esgotados, aparece agora uma obra provando o contrário e sugerindo que ainda há muito por fazer. É o trabalho do Professor Teófilo de Queiroz Júnior sobre